

# ACTIVAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO VOCACIONAL: AVALIAÇÃO DE UMA INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA

Liliana Faria<sup>1</sup> e Maria do Céu Taveira<sup>2</sup>

## RESUMO

O desenvolvimento psicológico ao longo da adolescência pode ser suscitado no contexto da consulta psicológica vocacional. Este estudo, parte integrante de uma investigação mais ampla, destina-se a avaliar a eficácia da consulta psicológica vocacional promotora da exploração e do compromisso envolvidos na construção da identidade da carreira de adolescentes<sup>3</sup>. O estudo foi realizado com 125 alunos do 9º ano de escolaridade (73 raparigas;  $M_{idade} = 14,12$ ;  $DP_{idade} = 0,44$ ), a frequentar uma escola pública (69; 55.2%-grupo experimental) e uma escola privada (56; 44.8%-grupo de controlo) do distrito de Braga, e clientes do Serviço de Consulta Psicológica e Desenvolvimento Humano da Universidade do Minho, no ano de 2005. Para dar resposta ao pedido de ajuda vocacional formulado por estes alunos, foi usada a modalidade de consulta psicológica vocacional em grupo, breve e estruturada, numa abordagem desenvolvimentista relacional (Taveira, 2001, 2004). Para a avaliação do processo da aliança relacional, na consulta, recorreu-se ao *Client Reactions System* de Hill, Spiegel e Tichenor (1988). A avaliação dos resultados da intervenção baseou-se nas medidas *Career Exploration Survey* (CES, Stumpf, Colarelli & Hartman, 1983) e *Career Decision Scale* (CDS, Osipow, Carney, Winer, Yanico & Koshier, 1976), aplicadas como pré- e pós-teste. Discutem-se implicações dos resultados para a consulta psicológica vocacional de jovens.

## ENQUADRAMENTO

A literatura da Psicologia Vocacional dá-nos conta de diferentes modalidades de intervenção vocacional: a informação, os sistemas de orientação e de desenvolvimento da carreira apoiados pelas tecnologias de informação e comunicação, a consulta psicológica vocacional individual e em grupo, os seminários de desenvolvimento vocacional, os programas compreensivos de educação para a carreira (cf. Isaacson & Brown, 2000; Magno, 2004; Silva, 2004; Spokane, 2004). Nas últimas quatro décadas, a avaliação da eficácia destas diferentes modalidades tem sido objecto de estudo meta-analítico por diversos investigadores, em especial no que concerne a consulta psicológica, as intervenções na sala de aula e o uso do computador na orientação (cf. Brown & Krane, 2000; Fretz, 1981; Holland, Magoon & Spokane, 1981; Hughes & Karp, 2004; Krumboltz, Backer-Haven & Burnett, 1979; Myers, 1971; Oliver &

---

<sup>1</sup> Bolseira Doutoramento em Psicologia Vocacional, Departamento Psicologia, Universidade do Minho

<sup>2</sup> Professora Auxiliar, Departamento Psicologia, Universidade do Minho

<sup>3</sup> Projecto SFRH/BD/18637/2004-FCT.

Spokane, 1988; Spokane & Oliver, 1983; Whiston, Sexton & Lasoff, 1998; Whiston, Brecheisen & Stephens, 2003; Williamson & Bordin, 1941).

Em termos gerais, conclui-se acerca dos efeitos positivos da intervenção vocacional (eg., Silva, 2004; Spokane e Oliver, 1983), com primazia para a consulta psicológica vocacional individual e em grupo, sobretudo quando se: (a) consegue que os clientes definam e escrevam os seus planos de carreira e prossigam metas; (b) oferece oportunidades de exploração individual avaliadora do *self* e que ajuda a atingir as metas, planos de carreira ou estratégias de decisão; (c) oferece informação a todos os participantes de um mesmo grupo para avaliar cuidadosamente as competências, a formação requerida e os resultados obtidos em diferentes percursos de carreira; (d) inclui o uso de modelos de comportamento que demonstram como alcançar um plano de carreira e; (e) dedica atenção ao cliente e promove a construção de apoio emocional; (f) produz resultados desejados com uma duração média de quatro sessões (e.g., Whiston, Sexton & Lasoff, 1998). Este tipo de pesquisa traduz bem a importância que entretanto tem sido atribuída, na literatura psicológica, à promoção da qualidade dos serviços e processos de intervenção vocacional, justificando, além disso, o investimento futuro nesta linha de estudo (Plant, 2001). Prosseguindo nesse sentido, apresenta-se um estudo destinado a avaliar a eficácia da consulta psicológica vocacional em grupo, na exploração e orientação de carreira de adolescentes. Procura-se avaliar não só os resultados vocacionais atingidos com a intervenção, como também o processo de aliança relacional entre psicólogo/a e clientes.

## MÉTODO

O presente estudo, quasi-experimental, foi realizado com um total de 125 estudantes do 9º ano de escolaridade ( $M_{idade} = 14,12$ ;  $DP_{idade} = 0,44$ ), a frequentar duas escolas do distrito de Braga, uma no ensino público (69; 55.2%-grupo experimental) e outra no ensino privado (56; 44.8%-grupo de controlo) e que solicitaram ao Serviço de Consulta Psicológica e Desenvolvimento Humano da Universidade do Minho, ajuda numa tomada de decisão vocacional eminente. O apoio foi-lhes proporcionado de modo mais focalizado através de cinco sessões de consulta psicológica vocacional em grupo, breve e estruturada, a partir de uma abordagem desenvolvimentista relacional (Taveira, 2001, 2004). A intervenção global, contudo, intitulada de “Futuro *bué* !”, estrutura-se num total de dez momentos principais, incluindo: (i) uma sessão colectiva de divulgação e inscrição no programa; (ii) uma sessão de pré-teste; (iii) uma entrevista semi-estruturada

inicial com a família ou equivalente; (iv) cinco sessões, de 90 minutos cada, com os alunos; (v) uma sessão final de esclarecimento e aconselhamento com os familiares ou equivalente; (vi) uma sessão de pós-teste. A finalidade principal deste programa de intervenção é proporcionar apoio deliberado ao processo de decisão vocacional eminente com que aqueles adolescentes e respectivas famílias se confrontam, aproveitando para intervir deliberadamente nos processos de exploração vocacional daqueles jovens, criando oportunidades simultaneamente desafiadoras e apoiantes, de promoção de iniciativa, autonomia e competência na exploração avaliadora do *self* e do meio, com vista à prossecução de objectivos vocacionais (cf. Taveira, 2000).

Neste estudo, procede-se à análise das respostas aos questionários *Career Exploration Survey* (CES, Stumpf, Colarelli, & Hartman, 1983, adap. por Taveira, 1997) e *Career Decision Scale* (CDS, Osipow, Carney, Winer, Yanico, & Koshier, 1976, adapt. por Taveira, 1997)<sup>4</sup> usados para avaliar os resultados da intervenção e, à análise do sistema de reacções às intervenções do psicólogo, o *Client Reactions System* (CRS, Hill, Spiegel, & Tichenor, 1988, trad. por Taveira *et al.*, 2004), para avaliar o processo da consulta psicológica vocacional em grupo. O CES é um questionário com 54 itens, 53 de resposta tipo *likert* (com cinco categorias de resposta nos itens 1-43 e sete nos itens 44-53), e o item 54, de resposta aberta que, no total, pretendem avaliar 5 tipos de crenças, 4 tipos de comportamentos e 3 tipos de reacções relacionadas com a exploração vocacional (cf. Quadro 2). O CDS é uma escala unidimensional para avaliação do nível de indecisão vocacional, composta por 19 itens, 18 dos quais são cotados numa escala de resposta *likert*, com quatro categorias de resposta. O item 19, de resposta aberta, permite recolher informação extra, caso nenhum dos itens anteriores abranja a situação de (in)decisão do sujeito (Osipow, 1987, 1991ab, 1994). Por sua vez, a CRS, que permite avaliar as percepções subjectivas dos clientes à intervenção da/o psicóloga/o, é constituída por 21 reacções, das quais, 14 são positivas – a compreensão, o apoio, a confiança, o bem-estar, a diminuição de pensamentos/comportamentos negativos, o auto-conceito, a clareza, o reconhecimento de sentimentos, a responsabilidade, o envolvimento, a alteração de perspectivas, a educação, a alteração de comportamentos, a mudança; e 7, são negativas, a saber, - o medo, o agravamento da situação, o bloqueio, a desorientação, a confusão, a incompreensão, e a falta de reacção

---

<sup>4</sup> Os questionários CES e CDS foram administrados de um modo balanceado, no que respeita a ordem de apresentação.

(cf. Quadro 3). O CRS foi preenchido no final de cada uma cinco sessões de consulta psicológica.

O modelo de aliança relacional levado a cabo nesta intervenção psicológica foi o desenvolvido por Taveira (2001), a partir dos modelos de Spokane (1991) e de Gibson e Mitchell (1998), e desenrola-se ao longo de quatro fases principais: Iniciar, Explorar, Compreender e Finalizar, cada uma das quais envolve o prosseguimento de intenções e técnicas específicas, da parte da/o psicóloga/o, e reacções particulares da parte dos clientes (cf. Quadro 1).

Quadro 1: Futuro Bué!: fases do processo de aliança relacional (Taveira, 2001)

<b>FASES E PROCESSO</b>	<b>INICIAR</b>	<b>EXPLORAR</b>	<b>COMPROMETER</b>	<b>FINALIZAR</b>
<b>Tarefas Psicóloga/o</b>	Estabelecer aliança relacional  Avaliar expectativas e interesses pela intervenção  Identificar necessidades e despistar psicopatologia  Focar nos modos como o cliente pensa e sente  Estabelecer um contrato intervenção	Compreender comportamentos e atitudes  Atender às condições indivíduos e de contexto de decisão  Atender a resistências  Desenvolver objectivos e planos  Avaliar resultados da aliança relacional  Proporcionar ensaio de aspirações, e fantasia, teste de hipóteses  Identificar incongruências e zonas de conflito	Ajudar a reduzir a ansiedade resultado da exploração  Ensinar ou reforçar o compromisso afectivo, cognitivo e comportamental com opções exploradas  Envolver o cliente em testes da realidade  Avaliar resultados	Antecipar passos e apoios necessários ao sucesso na concretização da solução/plano/opção desejada pelo cliente  Sensibilizar para necessidade de seguimento deste processo
<b>Técnicas Psicóloga/o</b>	Oferta de estrutura Aceitação do cliente	Oferta de informação Reflexão e a clarificação Imagética guiada Uso de testes e questionários psicológicos Apoio emocional Reforço	Apoio à gestão da ansiedade	Concluir o processo de finalização da aliança relacional
<b>Reacções do Cliente</b>	Alívio Esperança	Excitação Ansiedade Comportamentos abertos e encobertos de exploração Intuição face à sua carreira  Compromisso	Compromisso de carreira	Satisfação Certeza Sentimento de independência relacional face à psicóloga/o

Durante estas fases do processo relacional, cliente e psicólogo colaboram para clarificar a estratégia do cliente, mobilizar expectativas e promover processos cognitivo-afectivo-comportamentais sustentados por parte do cliente (Taveira, 2001).

## **ANÁLISE E RESULTADOS**

A avaliação dos efeitos da intervenção incluiu uma análise de variação das medidas pré- e pós-tratamento da exploração e da indecisão vocacional. Verificando-se

a ausência de normalidade estatística na distribuição dos valores de medida, nos grupos de participantes em estudo, utilizou-se, para o efeito da análise, um teste não paramétrico para amostras emparelhadas, o Teste dos Sinais. No que se refere às reacções à consulta psicológica vocacional, procedeu-se à análise da natureza e distribuição de frequências das respostas dos clientes, em cada uma das reacções, quer para cada sessão de consulta psicológica vocacional. Além disso, foi utilizada a estatística de Cochran para testar as diferenças na proporção de reacções dos clientes ao processo de consulta, entre as cinco sessões (SPSS para Windows, versão 14.0).

O Quadro 2 apresenta a distribuição de frequências dos participantes, em cada dimensão de exploração vocacional e na indecisão vocacional, tendo em conta a comparação entre os valores de média do pré- e do pós-teste, no grupo experimental e no grupo de controlo. E, ainda, o valor final da estatística do Teste de Sinais, para cada um dos grupos de participantes no estudo.

Quadro 2 – Efeitos da Consulta Psicológica em Grupo no Processo de Exploração e de Indecisão Vocacional de Jovens: frequências e estatística do teste de sinais<sup>(1)</sup> para os grupos Experimental e de Controlo (N=125)

Variável Dependente	Grupo Experimental N=69			Z	Sig.	Grupo de Controlo N= 56			Z	Sig.
	Pré teste > Pós teste	Pré teste < Pós teste	Pré teste = Pós teste			Pré teste > Pós teste	Pré teste < Pós teste	Pré teste = Pós teste		
<b>1. Estatuto do Emprego</b> Até que ponto parecem ser favoráveis as possibilidades de emprego na área preferida.	20	32	17	-15.25	0.127	17	24	15	-0.937	0.349
<b>2. Certeza nos Resultados da Exploração</b> O grau de certeza de vir a atingir uma posição favorável no mercado de trabalho.	23	38	8	-1.793	0.073	13	<b>37</b>	6	-3.253	<b>0.001</b>
<b>3. Instrumentalidade Externa</b> A probabilidade de exploração do mundo profissional concorrer para atingir objectivos vocacionais.	34	30	5	-0.375	0.708	23	27	6	-0.424	0.671
<b>4. Instrumentalidade Interna</b> A probabilidade de exploração de si próprio/a concorrer para atingir objectivos vocacionais.	35	25	9	-1.162	0.245	27	25	4	-0.139	0.890
<b>5. Importância de obter a Posição</b>	22	<b>39</b>	8	-2.049	<b>0.041</b>	24	24	8	-0.000	1.000

<b>Preferida</b> O grau de importância atribuído à realização da preferência vocacional.										
<b>6.Exploração orientada para o Meio</b> O grau de exploração de profissões, empregos, as organizações realizada nos últimos 3 meses.	8	<b>53</b>	8	-5.634	<b>0.000</b>	13	<b>35</b>	8	-3.031	<b>0.002</b>
<b>7.Exploração orientada para o Self</b> O grau de exploração pessoal e de retrospeção realizada nos últimos 3 meses.	20	<b>39</b>	10	-2.343	<b>0.019</b>	14	<b>28</b>	14	-2.006	<b>0.045</b>
<b>8. Exploração Intencional-Sistemática</b> Em que medida a procura de informação sobre o meio e sobre si próprio/a se realizou de um modo intencional e sistemático.	13	<b>47</b>	9	-4.260	<b>0.000</b>	18	<b>34</b>	4	-2.080	<b>0.038</b>
<b>9. Quantidade de Informação Obtida</b> Quantidade de informação adquirida sobre as profissões, empregos, as organizações e sobre si próprio/a.	27	37	5	-1.125	0.261	19	30	7	-1.429	0.153
<b>10. Satisfação com a Informação Obtida</b> A satisfação sentida com a informação obtida sobre as profissões, empregos e organizações mais relacionadas com os seus interesses, capacidades e necessidades.	14	<b>41</b>	14	-3.506	<b>0.000</b>	14	<b>33</b>	9	-2.626	<b>0.009</b>
<b>11. Stress na Exploração</b> A quantidade de stress indesejado que cada um sente como função do processo de exploração, por comparação a outros acontecimentos de vida.	23	<b>42</b>	4	-2.233	<b>0.026</b>	27	24	5	-0.280	0.779
<b>12. Stress na T. Decisão</b> A quantidade de stress indesejado que cada um sente como função do processo de tomada de decisão, por comparação a outros acontecimentos.	33	27	9	-0.645	0.519	27	27	2	-0.000	1.000
<b>13. Indecisão Vocacional</b> Ausência de investimento firme numa opção vocacional e o grau de incerteza e de insegurança quanto à escolha de opções vocacionais.	<b>44</b>	23	2	-2.443	<b>0.015</b>	27	26	3	-0.000	1.000

Verifica-se que a diferença entre os valores obtidos pelos grupos experimental e de controlo, em todas as sub-escalas das medidas de exploração vocacional e de indecisão, no pré- e no pós teste, é negativa, o que significa que se registaram resultados mais elevados em todas as escalas utilizadas, quando os alunos responderam pela segunda vez aos questionários (pós-teste). Essas diferenças revelaram-se estatisticamente significativas ( $p < 0.05$ ), para as escalas “Importância de obter a posição preferida”, “Exploração orientada para o meio”, “Exploração orientada para o *self*”, “Exploração

intencional-sistemática”, “Satisfação com a informação”, “Stress na exploração”, e para a escala de “Indecisão Vocacional”, no grupo experimental; e, ainda, para as escalas “Certeza nos resultados da exploração”, “Exploração orientada para o meio”, “Exploração orientada para o *self*”, “Exploração intencional-sistemática”, “Satisfação com a informação”, no grupo de controlo. Os resultados de média obtidos pelos estudantes nas referidas escalas são superiores no momento do pós-teste, nos dois grupos de alunos. Nas restantes escalas, quer no caso do grupo experimental, quer no caso do grupo de controlo, não se observaram diferenças estatisticamente significativas entre os valores do pré- e pós-teste.

O Quadro 3 apresenta a distribuição de frequências e as diferenças nas proporções das reacções cognitivas dos clientes ao processo de consulta psicológica vocacional entre cinco sessões da intervenção.

Quadro 3 – Diferenças na proporção de Reacções ao Processo da Consulta Psicológica Vocacional: Estatística Descritiva e nível de significância (N=125)

Reacções	Sessões	Freq.	Df	Cochran'Q	Sig
<b>Compreensão</b> Senti que o psicólogo/a realmente me compreendeu e percebeu o que eu disse e o que se passa comigo.	1	54	4	10.000	0.040
	2	58			
	3	60			
	4	50			
	5	58			
<b>Apoio</b> Senti-me reconhecido/a, tranquilo/a, apreciado/a, seguro/a e apoiado/a. Senti que o psicólogo/a estava do meu lado e comecei a confiar, gostar, respeitar e a admirá-lo mais. Isto pode ter levado a uma mudança tal na relação com o meu psicólogo/a que sinto que resolvemos um problema entre nós.	1	42	4	5.788	0.210
	2	46			
	3	49			
	4	42			
	5	49			
<b>Confiança</b> Senti-me de tal maneira seguro/a, encorajado/a, optimista, forte e satisfeito/a, que acreditei que podia mudar.	1	30	4	20.915	0.000
	2	42			
	3	51			
	4	38			
	5	45			
<b>Bem-estar</b> Senti-me menos deprimido/a, ansioso/a, culpado/a, aborrecido/a, e penso que os sentimentos de desconforto e dor diminuíram.	1	37	4	6.901	0.141
	2	46			
	3	47			
	4	44			
	5	45			
<b>Consciência</b> <b>Pensamentos/comportamentos negativos</b> Senti que me tornei mais consciente dos meus pensamentos e comportamentos negativos e das consequências que estes provocam em mim e nos outros.	1	12	4	8.404	0.078
	2	24			
	3	16			
	4	14			
	5	17			
<b>Auto-conceito</b> Adquiriti estratégias de auto-conhecimento e de relacionamento entre as coisas, que me permitiram compreender melhor a forma como me comporto e sinto, o que me levou a melhorar o meu auto-conceito.	1	18	4	17.910	0.001
	2	36			
	3	33			
	4	27			
	5	32			
<b>Clareza</b>	1	43	4	5.049	0.282

Consegui concentrar-me naquilo que queria de facto dizer, nos aspectos que preciso de alterar na minha vida, nos meus objectivos e naquilo que queria trabalhar no processo terapêutico.	2	51			
	3	47			
	4	47			
	5	52			
<b>Reconhecimento de sentimentos</b> Senti uma agradável consciencialização dos sentimentos que melhor exprimem as minhas emoções.	1	20	4	12.384	0.015
	2	31			
	3	28			
	4	35			
	5	35			
<b>Responsabilidade</b> Admiti responsabilidade por certos acontecimentos e deixei de me culpabilizar por outros.	1	25	4	17.417	0.002
	2	29			
	3	28			
	4	39			
	5	42			
<b>Envolvimento</b> Ultrapassei um obstáculo e senti que estava mais livre e envolvido/a no processo terapêutico.	1	31	4	4.874	0.300
	2	28			
	3	33			
	4	35			
	5	38			
<b>Alteração de perspectivas</b> Consegui alcançar novas formas de ver uma pessoa ou situação ou até mesmo o mundo. Compreendi porque é que as pessoas ou coisas são tal como são.	1	13	4	4.604	0.330
	2	22			
	3	19			
	4	19			
	5	21			
<b>Educação</b> Adquiri conhecimentos e informação importantes que não adquiria.	1	34	4	15.000	0.005
	2	44			
	3	29			
	4	34			
	5	44			
<b>Alteração de comportamentos</b> Aprendi estratégias muito específicas para lidar com situações e problemas particulares. Resolvi um problema, fiz uma escolha, tomei uma decisão ou decidi correr um risco.	1	6	4	6.366	0.173
	2	11			
	3	8			
	4	13			
	5	14			
<b>Mudança</b> Senti-me forçado/a a questionar-me e a olhar para certos resultados de um outro modo.	1	15	4	5.091	0.278
	2	19			
	3	18			
	4	13			
	5	11			
<b>Medo</b> Senti-me confuso/a, receoso/a, ou com dificuldade em reconhecer ter algum problema. Senti que o meu psicólogo/a era muito impulsivo/a ou não aprovou o que eu disse ou talvez não tenha gostado de mim.	1	4	4	8.690	0.069
	2	1			
	3	1			
	4	6			
	5	6			
<b>Agravamento da situação</b> Senti-me menos confiante, mais doente, fora de controlo, incompetente. Por vezes o meu psicólogo/a ignora-me, critica-me, magoa-me, despreza-me, ou trata-me como um fraco/a e desamparado/a. Senti um certo ciúme ou competição com o meu psicólogo.	1	0	4	8.500	0.075
	2	0			
	3	1			
	4	0			
	5	3			
<b>Bloqueio</b> Senti-me bloqueado/a, impaciente e aborrecido/a. Não sabia o que fazer ou mesmo como sair da situação. Senti-me insatisfeito/a com o processo terapêutico ou com o facto de ter de fazer sempre o mesmo	1	0	4	8.500	0.075
	2	0			
	3	0			
	4	1			
	5	3			
<b>Desorientação</b> Senti-me aborrecido/a porque o psicólogo/a não me forneceu uma pista de acção ou uma orientação sobre o que devo fazer.	1	4	4	2.737	0.603
	2	2			
	3	1			
	4	2			
	5	3			
<b>Confusão</b> Não sei como me senti ou talvez me tenha sentido des centrado/a daquilo que queria dizer	1	5	4	6.143	0.189
	2	6			
	3	1			
	4	2			
	5	4			



<b>Incompreensão</b> Senti que o meu psicólogo/a não compreendeu o que lhe tentava dizer e fez juízos de valor errados acerca de mim	1	0	4	3.000	0.558
	2	0			
	3	0			
	4	1			
	5	1			
<b>Falta de reacção</b> Não tive qualquer reacção particular. Senti que o psicólogo/a teve comigo uma conversa de tipo social e foi pouco claro/a.	1	5	4	4.545	0.337
	2	4			
	3	2			
	4	3			
	5	1			

Os resultados evidenciam que as reacções positivas ao processo de consulta predominam sobre as reacções negativas. A compreensão, a clareza, o apoio, o bem-estar e a confiança são as reacções positivas mais frequentes ao longo do processo de intervenção. Em todas as sessões registam-se, igualmente, reacções negativas ao processo, sendo as mais frequentes, em todas as sessões, o medo, a confusão e a desorientação. A segunda e terceira sessão são as que registam maior número de reacções da parte dos clientes. Por seu turno, ao longo do processo de intervenção, revelaram-se estatisticamente significativas ( $p < 0.05$ ) as diferenças de proporção nas reacções de compreensão, confiança, auto-conceito, reconhecimento de sentimentos e responsabilidade e educação, em favor da intervenção.

## DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

A intervenção psicológica vocacional no ensino básico assume especial relevância, sobretudo se considerarmos que pela primeira vez estes alunos são chamados a tomar decisões relativamente ao seu futuro escolar e/ou profissional com impacte significativo na sua carreira/vida. Ao mesmo tempo, tendo em conta que vários destes alunos não tiveram qualquer tipo de apoio vocacional até ao momento desta transição ecológica, é importante oferecer recursos de intervenção vocacional, para apoio à resolução de problemas de carreira, numa perspectiva desenvolvimentista, com impacto significativo na activação do desenvolvimento psicológico dos adolescentes. O presente estudo corrobora os resultados dos estudos empíricos conduzidos para testar os efeitos das intervenções vocacionais breves (c.f. Spokane, 1991, 20004; Silva, 2004). Os dados obtidos através das medidas de pré e pós teste, sugerem uma evolução no sentido favorável em cinco dimensões de exploração vocacional esperadas, envolvendo crenças, comportamentos e reacções à exploração. São elas: a importância atribuída à posição ou objectivos vocacionais preferidos, a exploração orientada para o meio, a exploração orientada para o self, a intencionalidade e carácter sistemático da actividade exploratória e a satisfação com a informação e o stress vivenciado na exploração

relacionado com o aumento do sentido de urgência de resolver um problema vocacional. O mesmo se verifica para o nível de indecisão vocacional. O sistema de reacções cognitivas dos clientes da consulta psicológica vocacional de grupo é bastante positivo, em cada um e nos diversos momentos da intervenção. No entanto, salienta-se a necessidade de investigar as reacções negativas ao processo ao longo das sessões. Os resultados são favoráveis às estratégias e técnicas utilizadas na intervenção psicológica em grupo, e parecem justificar a continuidade e o interesse em aprofundar a presente investigação. Salienta-se, também, a relevância de prosseguir estudos congéneres com dados de valoração dos profissionais assim como *follow-up* dos clientes envolvidos na intervenção.

## BIBLIOGRAFIA

- Brown, S. D. & Krane, N. E. (2000). Four (or five) Sessions and a cloud of dust: old assumptions and new observations about career counseling. In S. Brown & R. Lent (2000). *Handbook of Counseling Psychology*. Third Edition, 740-749.
- Isaacson, L. E. & Brown, D. (2000). *Career information, career counseling, and career development* (7<sup>th</sup> ed.). Needham Heights, M A: Allyn and Bacon.
- Fretz, B. (1981). Evaluating the effectiveness of career interventions. *Journal of Counselling Psychology*, 28, 77-90.
- Gibson, R. C & Mitchell, M.H. (1998). *Introduction to counseling and guidance*. (5<sup>th</sup> ed., pp. 122-177). New Jersey: Prentice Hall.
- Hill, C. E., Spiegel, S.B. & Tichenor, V. (1988). Development of a system for assessing client reactions to therapist intervention. *Journal of Counseling Psychology*, 34, 27-36.
- Holland, J. L., Magoon, T, M. & Spokane, A. R. (1981). Counseling Psychology: Career interventions, research, and theory. *Annual Review of Psychology*, 32, 279-305.
- Hughes, K. L. & Karp, M. M. (2004). *School-Based Career Development: A Synthesis of the Literature*. Columbia: Institute on Education and the Economy Teachers College.
- Krumboltz, J. D., Becker-Haven, J. F. & Burnett, K. F. (1979). Counseling psychology. *Annual Review of Psychology*, 30, 55-602.
- Magno, I. (2004). Factores de Eficácia e Formação dos Profissionais de Orientação. In M.C Taveira (Coord.). *Desenvolvimento vocacional ao longo da vida. Fundamentos, princípios e orientações* (pp. 371-380). Coimbra, Editorial Almedina.
- Myers, R. E. (1971). Research on educational and vocational counseling. In A. E. Bergin & S. L. Garfield (Eds.), *Handbook of psychotherapy and behavior change: An empirical analysis* (pp. 863-891). New York: Wiley.
- Oliver, L. W. & Spokane, A. R. (1988). Career-Intervention Outcome What Contributes to Client Gain? *Journal of Counseling Psychology*, 35 (4), 447-462

- Osipow, S. H., Carney, C. G., Winer, J. L., Yanico, B. & Koshier, M. (1976). *The Career Decision Scale* (3<sup>rd</sup> revision). Columbus, OH: Marathon Consulting & Press and Odessa, FL: Psychological Assessment Resources, Inc.
- Plante, P. (2000). Wall to wall or patchwork? Linkages: vehicles of partnership. *Career Development Quarterly*, 48, (4), 348-356.
- Silva, J. T. (2004). A eficácia da intervenção vocacional em análise: implicações para a prática psicológica. In M. C Taveira (Coord.). *Desenvolvimento vocacional ao longo da vida. Fundamentos, princípios e orientações* (pp. 95-125). Coimbra, Editorial Almedina.
- Spokane, A. R. (1991). *Career intervention*. Englewoods Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
- Spokane, A. R. (2004). Avaliação das Intervenções de Carreira. In L. M. Leitão (Coord.) *Avaliação Psicológica em Orientação Escolar e Profissional* (pp. 455-473). Coimbra, Quarteto.
- Spokane, A. R. & Oliver, L. W. (1983). Outcomes of vocational intervention. In S. E. Osipow & W. B. Walsh (Eds.), *Handbook of Vocational Psychology* (pp. 99-136). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Stumpf, S.A.; Colarelli, M.S. & Hartman, K. (1983). Development of the Career Exploration Survey (CES). *Journal of Vocational Behavior*, 22, 191-226.
- Taveira, M. C. (1999). Intervenção Precoce no Desenvolvimento Vocacional: Teoria, Investigação e Prática. *Psychologica*.
- Taveira, M. C. (2000). Exploração Vocacional: Teoria, investigação e Prática. *Psychologica*, 26
- Taveira, M. C. (2001). *O Modelo de Intervenção Vocacional por Programas*. Casa Pia de Lisboa.
- Taveira, M. C. (2004). Comportamento e desenvolvimento vocacional da adolescência. In Taveira (Coord.) *Temas de Psicologia Escolar. Uma proposta científico-pedagógica*. Coimbra: Quarteto.
- Williamson, E. G. & Bordin, E. S. (1941). The evolution of educational and vocational counseling: A critique of methodology of experiments. *Educational and Psychological Measurement*, 1, 5-25.
- Whiston, S. C., Brecheisen, B. K. & Stephens, J. (2003). Does treatment modality affect career counseling effectiveness? *Journal of Vocational Behavior*, 62, 389.
- Whiston, S. C., Sexton, T. L. & Lasoff, D. L. (1998). Career-intervention outcome: a replication and extension of Oliver and Spokane (1988). *Journal of Counseling Psychology*, 45(2), 150-165.